

Num rio longínquo, os índios discutem seu futuro

ELIANA LUCENA
Enviada Especial

"Somos gente igual ao branco. Temos nariz, boca, orelha e a necessidade de uma terra para progredir. Não somos objeto de Museu que despertem a curiosidade das pessoas. O índio já vivia nessas terras muito antes de chegar o primeiro navio de Portugal e, mais do que ninguém, é o verdadeiro dono do pedaço de chão onde vive". (Lourenço, chefe bororo).

Os 33 chefes indígenas que durante quatro dias estiveram reunidos na sede da missão franciscana de Cururu, no alto Tapajós, Pará, na semana passada, demonstraram claramente que num espaço de tempo relativamente curto, parte representativa da liderança indígena brasileira está preparada para dialogar, num mesmo nível, com as autoridades responsáveis pela condução da política indigenista brasileira.

No encontro — talvez o mais representativo realizado até hoje no Brasil — caciques de 13 diferentes nações indígenas da Amazônia Legal abordaram longamente o problema de terras e a necessidade de preservação das culturas tribais, além da coesão dessas comunidades como única forma capaz de garantir a sobrevivência dos índios brasileiros, hoje reduzidos a pouco mais de 100 mil.

A CHEGADA

Os "tuchausas" foram transportados para o Cururu em aviões da FAB e particulares por missionários e recebidos pelos anfitriões mundurukus que, durante vários meses enviaram comitês a diversas tribos. A iniciativa partiu dos próprios índios, liderados por Lauro Kixi e Francisco Akal. Durante três dias, desembarcaram na sede da missão índios xavantes, xerentes, apiakás, kaiabís, tiriós, tapirapes, kaxuyanas, bororos, nhambikwaras, karipunas, e galibís. Dos 2.600 mundurukus que vivem espalhados pela região, cerca de 800 se deslocaram em canoas para o Cururu e acompanharam de longe os trabalhos, participando das festas à noite quando os chefes apresentaram as danças e cantos típicos de suas tribos.

Os mundurukus montaram um grande tapiri a um quilômetro da sede da missão. Desmataram a área e construíram bancos, além de um outro pequeno tapiri, para servir de cozinha.

O primeiro dia da reunião foi marcado pela apresentação dos chefes. A barreira de línguas diferentes — participaram do encontro índios dos grupos Jê, Tupi e Caribe — não chegou a comprometer o trabalho de entrosamento e participação. O velho cacique tirió, de Rôlaima-Aviri, por exemplo, falou longamente e sua narrativa, complementada por gestos e expressões marcantes, foi acompanhada em absoluto silêncio pelos índios.

Na verdade, a maior barreira inicial foi a própria mensagem que cada índio tinha para transmitir. Marcados pela luta constante contra o branco invasor, xavantes, xerentes, tapirapes, kaiabís, apiakás, e nhambikwaras, em suas falas ressaltavam sempre a necessidade de maior coesão tribal visando à defesa das terras. Foram feitas críticas à Funai, "que defende o índio na teoria" e aos civilizados, em geral "que chegam ao Brasil muito depois dos índios e agora se dizem donos de nossas terras". Além das experiências negativas decorrentes do contato, a maior parte desses chefes já havia participado do encontro anterior organizado pela missão Anchieta, no ano passado, em Diamantino, Mato Grosso, e por esse motivo ficaram mais descontraídos.

Já os tiriós, kaxuyanas e mundurukus, não demonstraram no começo qualquer preocupação com o problema da terra. Vivendo em áreas até hoje poupadas pelas frentes pioneiras esses grupos foram despertados pelos outros líderes indígenas para o perigo de uma futura invasão de seus territórios.

Quiviram, falar sobre o Estado do Índio pela primeira vez. A iniciativa partiu de Pedro, xavante da reserva de São Marcos. "Vocês precisam saber — disse ele — que já existe um livro feito para defender os nossos direitos. A partir de agora, se alguém desrespeitar a nossa cultura será preso, o mesmo acontecendo com aquele que abusar da mulher do índio ou lhe der cachapa".

Demonstrando muita preocupação com a defesa da cultura indígena, Pedro afirmou: "O importante é que nós nunca abandonemos a nossa cultura, os nossos costumes, pois isso será a ruína dos índios. Não devemos viver nas cidades, no meio dos civilizados. Eles trazem doenças e coisas más para nós. O índio precisa apenas de um pedaço de terra para viver. Queremos também desenvolver e progredir. Mas sempre dentro dos nossos costumes, que são diferentes dos do branco".

A COESÃO

Independente do fato de viverem realidades bastante diferentes, o encontro deixou claro que todas as comunidades tribais estão interessadas num maior entrosamento entre si. Em alguns casos, predominava a própria curiosidade dos índios de conhecerem seus antigos inimigos. Um dos grupos mundurukus desembarcou em Cururu perguntando pelos kaiabís — que não estiveram representados no encontro — inimigo muito temido. Os mundurukus, segundo estudo do antropólogo Expedito Arnaud, no passado, eram muitos numerosos e guerreiros conhecidos pelo fato de cortarem as cabeças de suas vítimas, guardadas depois como troféus de guerra.

Mas, em geral, o interesse pela união esteve mais ligado sobre vivência dos grupos tribais. Lourenço, dos bororos, afirma: "Até pouco tempo, bororo e xavante brigavam muito, principalmente por causa dos limites de nossas reservas, cada vez mais "apertados" pelos civilizados em nossas terras, achamos muito melhor nos unirmos. Se xavante tiver qualquer problema nós estamos prontos a defendê-lo e nós sabemos que contamos com eles também".

Antonio, chefe nhambikwara de um pequeno grupo que vive nas proximidades de Uliariti, Mato Grosso, está preocupado com os outros nhambikwaras espalhados pelo vale do Guaporé, e na árdua reserva para onde vários grupos foram transferidos durante governo passado. Esses últimos, segundo as últimas informações, serão agora novamente deslocados para uma outra reserva no Guaporé, pois a própria Funai reconheceu que os índios não poderiam sobreviver na área indígena destinada a eles.

"Tem nhambikwara vivendo perto da estrada — afirma Antonio — principalmente o pessoal de Serra Azul, que está cercado pelos fazendeiros. Esses índios são chefiados por Artífides e eu vou trazê-los para viverem comigo pois os fazendeiros pensam que eles são bicho do mato".

Contou Antonio que esses índios têm sido muito explorados e citou um caso que aconteceu recentemente. "O dono de um posto de gasolina na estrada BR-364 queria explorar os índios e prendeu três nhambikwaras num rancho. Mas eles conseguiram fugir e mataram o dono do posto. Durante dois meses, esses índios fugiram e agora eu tive notícias que eles foram presos e levados para Cuiabá".

Lourenço Bororo tem uma visão mais ampla do problema indígena e defende a realização de encontro periódicos entre chefes para a discussão dos principais problemas vividos pelas comunidades tribais. "Não sei porque a própria Funai não toma uma iniciativa desse tipo — afirma. Até hoje os missionários apoiaram dois encontros e um terceiro foi realizado no parque do Xingu pelos Villas Boas. É importante que os índios se encontrem para ficarem sabendo dos problemas dos outros índios. Eu fico muito triste quando escuto pelo rádio notícias sobre a transferência de índios, de estradas cortando aldeias e do tratamento dado ao índio. Muitas vezes não somos considerados como pessoas humanas. Na verdade, temos diferenças culturais do branco, mas isso não tem importância. Eu acho que a Funai deveria olhar igualmente por todos os grupos indígenas e não só para alguns; só assim a gente vai ficar nivelado. A Funai está aí para isso, não só na teoria, mas na prática. Eu acho que, em muitos casos, os missionários estão tratando melhor o índio do que a Funai".

Lourenço aborda ainda o problema da integração: "O entrosamento do índio com o branco é nocivo; nós não estamos preparados para isso. O índio não está proibido de ter contato com o branco, mas não precisa sair de sua aldeia para viver com o civilizado. Se ele fizer isso agora, vai acabar levando a vida de caboclo, que não tem nenhum prestígio na sociedade".

A FRENTEIRA

A grande evasão de índios para a Guiana Francesa foi o principal problema apresentado pelos chefes karipuna, Manoel dos Santos e o galibí Geraldo Lod, que vivem na região do Uacá, no Norte do Amapá. Embora o problema tenha sido constatado pela administração anterior da Funai, segundo os chefes, tem sido difícil evitar saída de jovens do País que recebem o salário mínimo de 45 cruzeiros por dia na Guiana, especialmente na capital, Caiena.

Os dois chefes formaram, durante o encontro, um bloco especial. Já vivem em contato permanente com comerciantes brasileiros e franceses e seus filhos estudam em escolas de Belém, Brasília e São Paulo. Embora seja um defensor dos direitos dos índios, o karipuna Manoel dos Santos afirma: "Não sou contra a passagem da estrada perto da nossa aldeia. Ela facilita o nosso comércio. Acho apenas que é preciso uma boa fiscalização para que a terra não seja invadida. Eu não sou contra o branco, porque nós não podemos "empatar" o progresso do País. O ideal é que nossas áreas de reservas sejam demarcadas. "Já o chefe galibí, com acentuada pronúncia francesa — sua tribo praticamente abandonou a língua primitiva e fala hoje o patuá — mostrou-se maravilhado por estar, segundo ele, no centro da América do Sul com tribos, para ele, até agora totalmente desconhecidas. Depois de dezenas de anos de contato com a civilização, diz Geraldo Lod: "O civilizado gosta de de tutu", por isso quer afastar o índio para terra mais pobre. Mas eles precisam saber que o índio já estava aqui quando os civilizados decidiram atravessar o oceano para conquistar a América. Quando os franceses chegaram, queriam até trazer índio amarrado, como se a gente fosse um bicho estranho, para mostrar para todo o mundo. É certo que o índio andava nu, mas ninguém era diferente do civilizado, ninguém tinha rabo".

Os índios tiriós, representados no encontro pelo velho chefe Aviri, vivem no parque do Tumucumaque, fronteira do Brasil com o Suriname. Desconhecem qualquer problema de terra, até agora, como afirma o próprio Aviri: "Por onde eu ando, para cima, para baixo, tudo é terra de tirió". Este che-

fe era um dos poucos presentes que não dominava o português, mas sua fala era sempre traduzida pelo índio kaxuyama, José Mosoku. Incomodado com a roupa que lhe deram para viajar, Aviri e seu companheiro Nachau levaram para o Cururu a tradicional tanga vermelha que usam e numa das noites, ornados com colares e tiaras de penas, cantaram e dançaram durante várias horas para os 800 índios aglomerados no pátio da missão.

A troca de informações entre os índios, sobre seus costumes, danças e cantos, foi um fato bastante positivo no encontro. De um modo geral, o índio está acostumado a satisfazer a curiosidade do civilizado mas desta vez eram os próprios índios que tocavam em assuntos para eles estranhos e ouviam canções em línguas diferentes. Pedro Xavante levou de presente para os chefes munduruku um arco e uma flecha e durante sua estada em Cururu teve um cesto xavante, que foi muito apreciado pelos índios. O nhambikwara Antonio, numa das noites, colocou braceletes, colares e um enfeite de penas nasal. Bem mais alto que os mundurukus, ele ficou em pé, no centro do pátio durante várias horas, de braços cruzados, para que os índios pudessem apreciá-lo melhor.

O DEBATE

Nos quatro dias do encontro, os caciques obedeceram a um cronograma de trabalho organizado. As seis da manhã atravessavam de barco o rio Cururu, fazendo depois a caminhada de um quilômetro até o local do encontro. Antes do almoço, um lanche providenciado pelas índias mundurukus à base do cacauí, bebida obtida com a fermentação da batata, misturada com farinha. Depois do almoço, na sede da missão, o reinício dos trabalhos, que se estendiam até às 18 horas.

É provável que o dia mais produtivo do encontro tenha sido o penúltimo. Neste dia, os índios não permitiram a presença de nenhum civilizado na reunião. Isso pôde ser sentido nos trabalhos do último dia, quando os índios relataram os resultados da reunião reservada. Mais desinibidos, especialmente os chefes mundurukus, eles colocaram suas principais preocupações. Mesmo os tiriós, que inicialmente não demonstraram qualquer preocupação com o problema de terras, mostravam-se interessados no assunto. Aviri, ajoelhado, traçou na areia os limites do território tirió, sem respeitar a fronteira do Brasil com o Suriname, e afirmou: "Esse pedaço de terra nenhum civilizado vai tomar da gente".

Já os mundurukus manifestaram-se mais sobre a necessidade de voltarem a cultivar os valores e tradições tribais. Grande parte do grupo, que no passado ocupou um vasto território desde o vale do Tapajós até o Xingu, sofre a influência do trabalho da missão católica instalada na área há 50 anos. O excesso de paternalismo e um trabalho rígido de catequese descaracterizaram bastante a cultura primitiva munduruku.

Durante o encontro, era comum os chefes mundurukus falarem com nostalgia do passado, quando o grupo era grande — fala-se em 20.000 índios — e costumava atacar tribos inimigas, não poupando em seu massacre mulheres e crianças. "Naquele tempo, os índios eram bravos, mas depois a gente virou cristão e agora não mata mais — disseram eles".

A CONCLUSÃO

As principais mensagens transmitidas pelos chefes indígenas no encontro de Cururu podem ser resumidas nos seguintes pontos: necessidade da criação e demarcação de reservas para todos os grupos indígenas brasileiros; maior incentivo para que, mesmo as tribos mais aculturadas, voltem a cultivar elementos de sua cultura primitiva; a necessidade de uma maior união entre os índios brasileiros; interesse de que o próprio índio venha a contribuir, diretamente, no futuro, na elaboração e aplicação da política indigenista brasileira. Além disso, todos concordaram sobre a importância de reuniões de chefes indígenas, não só de índios assistidos pelas missões, mas também pela Funai.

Para os sete missionários e o bispo dom Thomas Balduino, que acompanharam os trabalhos, a assembléia constituiu-se "numa nova redescoberta que o índio fez de si mesmo, de sua consciência de um povo, mas sobretudo de um povo oprimido, mas capaz de recomeçar, mais uma vez, sua caminhada tantas vezes dificultada pelo branco, quer sejam as missões, quer sobretudo, a Funai".

"A Funai — afirmaram eles — tem um ver no índio um menor, um incapaz, um elemento improdutivo e que, na melhor das hipóteses, poderia

ser ocupado como mão-de-obra barata numa organização empresarial que é a própria Funai".

O padre Antonio Iasi vai mais além em suas observações: "A assembléia mostrou que errado pensamos a respeito dos indígenas. Uma

quantidade de indivíduos que precisam ser, o quanto antes integrado na comunidade nacional. O primeiro erro é esse, encará-los como uma soma, uma quantidade apenas de indivíduos, mas não como um povo, uma nação com valores meliores, sobre muitos aspectos

que os da nação na qual se pensa integrá-los". "A assembléia — continua — nos mostrou o profundo respeito com que devemos tratar o indígena. Respeito à sua pessoa, à sua cultura, isto é, aos seus valores e a sua autodeterminação.

"Nosso papel não é pensar por eles, menos ainda dizer o que devem fazer, mas ouvi-los. Sentir a pressão que pesa sobre eles e procurar estar ao lado deles, como quem quer aprender e não ensinar, como quem quer aprender e não criticar; Oxalá — conclui — o

encontro dos chefes indígenas tenha sido um encontro de nós mesmos, ainda há tempo para corrigirmos os erros do passado e partirmos na defesa dos direitos da imensa maioria do nosso povo marginalizado política, cultural, social e economicamente.